



FONEMAS EM CODA SILÁBICA DA FALA DOS GOIANOS

Sebastião Elias Milani (UFG)¹
sebas@ufg.br

RESUMO: Goiás foi ocupado em diferentes levas de imigrantes portugueses e seus escravos e emigrantes bandeirantes paulistas e mineiros, boiadeiros maranhenses, baianos e piauienses, candangos baianos e cearenses, construtores de Brasília, e recentemente sulistas plantadores de soja. As contribuições linguísticas desses grupos são distintas. A contribuição bandeirante foi mais volumosa, por isso ocupou todo o estado e se consolidou como a forma falada pela maioria. Goiás é o Centro do Brasil, por isso essas contribuições têm fronteiras, pelas quais seus falantes chegaram, onde estão bem marcadas. Do Sul para o Norte do estado a contribuição bandeirante se espalhou genericamente chamada de Caipira. Do Norte e Noroeste do estado até o entorno de Brasília localiza-se a contribuição de boiadeiros e candangos, variantes nortista e nordestina. Nesse texto, apresentam-se análises das incidências dos alofones para os fonemas /r/, /l/ em coda silábica. Eles apresentam um número alto e regular de alofones, que se diferenciam em quantidade dependendo se o ponto de coleta se localiza mais próxima de uma fronteira ou de outra.

PALAVRAS-CHAVE: Goiás. Fronteiras. Fonologia. Fonética. Fala.

ABSTRACT: Goiás was occupied in different waves of Portuguese immigrants and their slaves and emigrants from São Paulo and Minas Gerais pioneers, cowboys Maranhão, Bahia and Piauí, Bahia and Ceará laborers, builders of Brasília and Southern soybean farmers recently. Linguistic contributions of these groups are distinct. A pioneer contribution was more voluminous, so he held throughout the state and has established itself as the spoken form of prestige. Goiás is Brazil's center, so these contributions have borders, in which its speakers arrived, and where they are well marked. From south to north of the state, to pioneer contribution spread, generically called Grit; North and northwest of the state to the surrounding Brasília is located contribution of cowboys and laborers, northern and northeastern variants. In this text, we present analyzes of the effects of the allophones of the phonemes /r/, /l/ in coda. They have a regular high number of allophones that are differentiated in quantity depending on whether the collection point is located closer to a border or another.

KEYWORDS: Goiás. Borders. Phonology. Phonetics. Speech.

Introdução

A presença dos diferentes traços fonéticos das variantes brasileiras permite conjecturas históricas e geográficas e permite também demonstrar a verdade da

¹ Graduação em Letras, licenciatura em Português e Francês pela Universidade Estadual Paulista - UNESP campus de Assis e Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Mestrado e Doutorado, pela Universidade de São Paulo - USP campus do Butantã, São Paulo Capital. Professor Associado III na Universidade Federal de Goiás - UFG, Faculdade de Letras – Departamento de Linguística e Língua Portuguesa- DELP. Endereço: Estradas dos Colibris, 287. Parque dos Cisnes – Goiânia-GO. Brasil. Cep.: 74691620. Telefone: 62 – 996661440. Email: sebas@ufg.br.

formação da população do estado de Goiás. Historicamente Goiás foi povoado por levas de brasileiros, em diferentes épocas, vindos do Sudeste e do Nordeste do país. Esses grupos tinham objetivos bem diferentes entre si, mas tinham em comum a obtenção de lucros com suas conquistas, por isso traziam consigo escravos negros, indígenas e trabalhadores livres de muitas origens. Marcando diferentemente as regiões do estado com suas presenças, deixaram, sobretudo nas fronteiras por onde entraram, traços linguísticos que podem descrever a historicidade da língua falada por eles na variante de língua falada atualmente: portuguesa brasileira goiana.

As fronteiras Norte e Leste, com o Tocantins e a Bahia respectivamente, apresentam características fonéticas, em muitos falantes, sobretudo nos mais velhos, dos alofones característicos nas regiões Norte e Nordeste do País. As fronteiras sul e sudeste são com Minas Gerais e caracterizam Goiás, pela emigração dos chamados bandeirantes, com os alofones constantes nas variantes paulista e mineira. A fronteira Oeste com Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não apresentam características individualizadas ou significativamente diferenciadas de Goiás, porque esses estados apresentam características de povoamento muito semelhantes às de Goiás. Obviamente o tempo e a consolidação dessas sociedades como grupos humanos fixos e volumosos vão se encarregar de mudar isso.

Na medida em que seja possível identificar as regiões brasileiras por determinados traços alofônicos, em relação aos fonemas pós-vocálicos /r/ e /s/, na região Sudeste, nos estados de São Paulo e de Minas Gerias, predominam o retroflexo [ɹ] e o alveolar [s], respectivamente. No Rio de Janeiro, os palatalizados [ʃ e ʒ] e o velar [x]. No Nordeste, na Paraíba (Atlas Linguístico da Paraíba), aspirado [h e fi] e palatalizado [ʃ e ʒ], respectivamente. Em Goiás, predominam o retroflexo [ɹ] e alveolar [s e z], mas nas regiões Norte e Noroeste do estado, onde existe influência dos falares Nortistas e Nordestinos, encontram-se o aspirado e o palatalizado.

A distribuição diatópica dos dados do *Acervo da fala goiana*

Verificando os dados coletados nas entrevistas para construção do *Acervo da fala goiana*² nas diferentes cidades das fronteiras do estado de Goiás, podem ser estabelecidas todas as formas possíveis para certos vocábulos e marcar quais são os processos fonológicos recorrentes e fixos para a evolução dos fonemas falados. Há uma relação direta entre o alofone retroflexo [ɺ] e o alofone vocalizado [w]. O retroflexo ocorre tanto como alofone do /r/ quanto do /l/ em coda. Nas duas circunstâncias são necessárias considerações: em relação ao fonema /r/ pós-vocálico, o retroflexo é um alofone regular, muitos falantes brasileiros, das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, realizam esse alofone para esse fonema. Em relação ao /l/, ele ocorre também nessas mesmas regiões, mas nos dados de Goiás está sempre relacionado à vocalização que esse fonema apresenta, comumente, uma vocalização ocorre como hipercorreção para o retroflexo ou o retroflexo como uma degeneração para a vocalização.

Na situação contrária, quando o fonema de partida é o /l/, o retroflexo somente vai acontecer para aqueles falantes que vocalizam esse fonema. Essa circunstância está vinculada aos falantes que não costumam falar a norma padrão, muito comum ouvir-se nessas rodas de pessoas [aɹmʊ'sa]/[aɹ'mosʊ]. Provavelmente, seria possível dizer [ahmʊ'sa], mas em Goiás não foi registrado esse item lexical com esse alofone em nenhuma entrevista. A hipótese mais provável é que ele [ahmʊ'sa] esteja em distribuição complementar ao retroflexo, logo, é a característica de semi-consoante do retroflexo que permitiria a pronúncia dos outros alofones do /r/ na posição de alofones do fonema /l/. Em Goiás e também em São Paulo, Paraná e Triângulo Mineiro, o retroflexo como alofone do fonema /l/ é possível por causa da vocalização desse fonema, que transforma a sílaba, de travada por uma consoante, para uma sílaba composta por consoante e ditongo decrescente [awmʊ'saɹ].

Deve-se salientar o fato de o alofone retroflexo [ɺ] ter uma identidade associada ao homem da roça: “um caipira com pouca escolaridade”. Ele é o retrato do povo do interior dos estados do Sudeste, Centro-Oeste e de partes do Paraná, na região

² *Construção do acervo audiovisual da língua falada em Goiás*, projeto que visa a arquivar dados gravados e filmados da fala dos goianos. O material está arquivado no LABOLINGGO, Faculdade de Letras da UFG, em Goiânia. Maiores informações: <http://labolinggo.letas.ufg.br>.

Sul, visto por esse ponto de vista inverídico. Por causa dessa manifestação cultural, esse alofone, tanto para o /r/ quanto para o /l/, em certas situações pode ser evitado ou substituído pela vocalização [w], que é considerada uma forma prestigiada. Isso gera muitos casos de hipercorreção do alofone retroflexo [ɹ], para o alofone vocalizado [w]: [mawmi'tekis], ['gawfu].

Quanto à distribuição diatópica no estado de Goiás, o alofone aspirado gloto-velarizado [h], diferentemente do retroflexo [ɹ], recobre uma área bem marcada e pequena. O retroflexo pode ser ouvido em todos os lugares do estado. Apesar dessa antiga marca identitária pejorativa, vinculada ao indivíduo sem escolaridade, ela passou por um processo de valorização no estado de Goiás e atualmente representa o goiano bem sucedido economicamente. Essa mudança se deve ao fato de a população do estado, generalizadamente, ter origem agrícola ou reconhecer o valor da produção do campo na origem, história, sucesso e riqueza do estado. Assim, a marca identitária do caipira é valorizada, não somente linguisticamente, mas no modo de vida das pessoas, como sua simpatia, simplicidade e generosidade.

Fala-se muito num "dialetto brasileiro", expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões. (...) O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se pode distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialetal - o Litoral, o chamado "Norte", o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro (AMARAL, 1923, p. 1).

O alofone aspirado gloto-velarizado [h] ocupa atualmente a região onde estão localizados os bolsões de emigração nortista e nordestina, basicamente nas cidades mais antigas do norte goiano, as cidades mais jovens não apresentam essa marca fonética. Ficam bem localizadas pela proximidade com a fronteira da Bahia até o entorno do Distrito Federal. As razões básicas são as rodovias que ligam a Bahia e os estados do Norte e do Nordeste à cidade de Brasília, formando um corredor de emigração em



direção à Capital Federal e de todos os brasileiros. Aliada a essa situação rodoviária atual, está o passado da construção do Plano piloto de Brasília, que atraiu muitos trabalhadores das regiões Norte e Nordeste.

Têm-se duas situações, o retroflexo é valorizado como representante da cultura goiana e o aspirado gloto-velarizado é estigmatizado como o forasteiro nortista e nordestino. Desse modo, somente usam o alofone pós-vocálico [h] aqueles indivíduos diretamente ligados ao Norte e ao Nordeste, descendentes diretos ou emigrantes que trouxeram consigo o sotaque. Todos os goianos querem falar do modo caipira da gente da Capital do estado: Goiânia. Ficou patente nas coletas, que jovens falam o retroflexo e evitam o aspirado gloto-velarizado. Fala-se aqui dessas regiões onde existe a incidência desse alofone como herança histórica, reforçada pela constante emigração de pessoas vindas dos estados Nordestinos em que esse alofone é prestigiado.

Tal fato se evidenciou nas cidades jovens, ou seja, aquelas que tiveram seu desenvolvimento demográfico muito mais recentemente, após a fundação de Goiânia, em 1933. Nessas cidades, são poucos os indivíduos que emigraram do Norte e Nordeste, e o fluxo cultural partiu da Capital Goiânia, por isso o falar das pessoas é muito parecido com o da Capital. As cidades mais antigas, vinculadas à mineração e depois ao desenvolvimento agropecuário, e também aquelas que estão na área de influência direta de pessoas que passam pelas rodovias, ou seja, que estão às margens de uma rodovia, sobretudo, rodovias federais, apresentam incidência do alofone aspirado gloto-velarizado pós-vocálico [h] nas pessoas acima de 40 anos. Diz-se isso, porque na coleta do *Acervo* não se encontrou caso de falante nativo, de pais também nativos, como exigia a seleção dos informantes, mais jovem de 40 anos, que não realizasse o retroflexo na sua fala.

Realidade dos fonemas /r/ e /s/ nas fronteiras de Goiás publicado no ALINGO.

Então, nas fronteiras norte do estado e também na fronteira noroeste em que se encontra com mais facilidade fonemas pós-vocálicos /r/ glotalizado e os dentais /t/ e /d/ diante /i/ como [t] e [d], encontrou-se forte incidência de /r/ retroflexo e forte incidência de /s/ alveolarizado e também de [tʃ] e [dʒ] diante de /i/. Nas fronteiras sul e sudoeste do

estado, onde predominam a produção desses fonemas de maneira oposta, encontrou-se pouca incidência no sul e forte incidência no sudoeste de glotalização de /r/ e de [t] e [d] associados ao fonema /i/ (MILANI *et al.*, 2015, p. 291).

Os casos dos alofones, glotalização do /r/, o aspirado gloto-velarizado [h], no Sudoeste do estado, que aparece na citação, aconteceram nas cidades, pontos de coleta, nas fronteiras, especificamente por onde passam rodovias federais que cruzam o estado. Os pontos de coleta onde isso se evidenciou muito foram: Aragarças, onde fica a ponte sobre o Rio Araguaia, e Bom Jardim de Goiás, que fica a menos de 30 quilômetros de Aragarças. Mais ao sul, em direção à cabeceira do rio Araguaia, a cidade de Santa Rita do Araguaia, por onde passam muitos caminhoneiros e estradeiros, porque muitas rodovias federais e estaduais importantes para o transporte de mercadorias atravessam a fronteira para o Mato Grosso ali, pela ponte.

Estudo diacrônico da fala goiana

Para estabelecer um ponto de partida para um estudo diacrônico de um vocábulo de uma língua, é preciso dizer qual seria a forma lexical de partida. Então, qual seria a forma na expressão que fora dada pelo grupo como o nome para a idéia, o qual dera início ao processo de modificação. Como se trata de formas ainda vivas na fala cotidiana, diferente do que afirmara Saussure, essa diacronia não é irreversível, conscientemente falando trata-se de um dado sincrônico, mas se dará um tratamento metodológico diacrônico. Ou seja, neste trabalho serão analisados os dados coletados sincronicamente nos anos de 2012 e 2013, mas se fará uma análise das modificações que o tempo fez acontecer nas diferentes diastratias e diatopias.

Toda a Linguística Diacrônica tem por base a Sincrônica. Resolver um problema de História Linguística significa provar, reduzindo, por um tempo mais ou menos longo, uma dinamicidade à imobilidade, ou seja, reduzindo-a à sincronia. O que a Linguística se chama visão histórica é a fixação e a projeção diante de nós de uma situação em que ocorreu um acontecimento linguístico, por meio de uma intuição baseada nos dados disponíveis (VIDOS, 1996, p. 109).

Nos estudos diacrônicos das línguas em geral, exemplifica-se aqui com o estudo em Linguística Românica do Latim para o Português, sempre se toma a norma padrão como o ponto de partida. O que se pode teorizar é que a norma padrão englobaria todas as outras normas, ou seja, qualquer variante será sempre entendida em comparação com a norma padrão. Os exemplos da evolução metaplasmática do latim para o português tomam a norma clássica, que era eminentemente escrita, e se processam as transformações tidas como leis fonológicas de evolução para o latim vulgar, depois para o galego e depois para o português. Geralmente não se sabe se as formas intermediárias de fato existiram em alguma época entre a forma do latim clássico e a forma do português, muito possivelmente sim, mas o que se têm são as possibilidades de transformação numa sequência obrigatória ou possível.

No livro *Gramática Histórica* de 1969, Dolores Garcia Carvalho e Manoel Nascimento trazem inúmeros exemplos do modelo de estudo comparado que se faz entre as fases da evolução metaplasmática do Latim até o Português. Eles não discutem questões fonéticas na língua falada no Brasil, apontam distinções de vocabulário somente.

O latim clássico possuía cinco vogais : a, e, i, o, u, que, segundo a quantidade, podiam ser breves ou longas. A essas diferenças de quantidade estavam associadas diferenças de timbre. (...) No latim vulgar, desapareceu a oposição quantitativa, passando as vogais a diferenciarem-se somente pelo timbre, isto é, abertas ou fechadas. Entretanto, em toda România, o i aberto confundiu-se com o e fechado e o u aberto confundiu-se com o fechado. Desse modo, as dez vogais do latim Clássico (cinco breves e cinco longas) reduziram-se no Latim Vulgar, a sete. (...) O português, que é, na sua essência uma fase evolutiva do latim vulgar, conservou dele os mesmos timbres vocálicos além do acento tônico (CARVALHO e NASCIMENTO, 1969, p. 51-52).

Os alofones do /r/ em coda de sílaba nos dados do *Acervo da fala goiana*

Observando a forma padrão *córrego*, nas cidades de Goiás ela apareceu de muitas maneiras: ['kɔxegɔ]> ['kɔxigɔ]> ['kɔx'igɔ]> ['kɔhɔ], ['kɔrgɔ], ['kɔɪɔ]> ['kɔɪ'gɪ]. Não foi registrada a forma ['kɔwgɔ], mas ela existe e, frequentemente, é ouvida e pronunciada no estado. Também a forma ['kɔjɔ] existe. No diminutivo apareceram as formas ['kɔxigɔ'zĩɲɔ]> ['kɔɪɔ'zĩɲɔ]> ['kɔɪ'gĩɔ]> ['kɔh'gĩ], ['kɔr'gĩ], ['kɔɪ'gĩ]. Verificando a sequência acima, vê-se que a proparoxítona é transformada em paroxítona em três etapas, a metafoia do /e/ em /i/, depois o abaixamento desse [i] - ['kɔx'igɔ] - até a síncope. A partir desse ponto, atuam as origens do falante, na fronteira norte do estado e também na fronteira com a Bahia tem-se a possibilidade do alofone de coda de sílaba fortemente aspirado gloto-velarizado ['kɔhɔ]. Esse alofone como se disse acima é típico dos falares nortistas e nordestinos brasileiros e chegou a Goiás com emigrantes dessas regiões. Na fronteira sul, com Minas Gerais, tem-se predominantemente outro alofone, de origem dita caipira, típico dos estados da região Sudeste, que chegou a Goiás com os emigrantes desses estados ['kɔɪɔ].

Ainda apareceu o alofone vibrante apical ['kɔrgɔ], também típico das variantes do Sudeste, mas que também é típico em alguns estados no Nordeste. Foi registrado somente no entorno de Brasília, região do estado que recebeu, nos últimos 50 anos, forte emigração proveniente de todas as regiões do país, mas em maior número de alguns estados, como Rio de Janeiro, Ceará e Bahia. Essa emigração é devida às circunstâncias de construção do Plano Piloto, das rodovias que começam no Distrito Federal e de ser o Rio de Janeiro a antiga capital Federal, de onde vieram os primeiros funcionários de todas as repartições. Então, para esse fonema líquido vibrante, em coda de sílaba, têm-se três alofones registrados no item lexical *córrego* na fala em Goiás: [h, r, ɹ]. São comuns mais dois alofones nos falares brasileiros: [w e j]. O [w] ficou registrado no item lexical arco-íris, dados do *Acervo*, [arkɔ'iris], [aɹkɔ'iris]> [aɹkɔ'riri], [ahkɔ'iris], [awkɔ'iris]> [aw'kʷiris]> [awkɔ'iri].

Esse alofone [w], para o item lexical arco-íris, como era de se esperar, ocorreu somente nas regiões central e sul do estado, onde 100% dos nativos falam a variante dita caipira, que tem no alofone retroflexo [ɹ] sua marca mais evidente. No item lexical *corcunda* também foram registrados os quatro alofones citados: [kor'kũɔ], [kɔr'kũɔ];

[koɹ'kũdɐ], [kɔɹ'kũdɐ], [kəɹ'kũdɐ], [kaɹ'kũdɐ], [koɹ'kũdɐ]; [koh'kũdɐ], [kɔh'kũdɐ], [koh'kũdɐ]; [kow'kũdɐ], [kaw'kũdɐ], [kaw'kũdɐ], [kow'kũdɐ]. Deve-se registrar a possibilidade desse fonema sofrer síncope, então alofone zero [Ø]: [ko'kũdɐ], [ko'kũdɐ], [kɔ'kũdɐ]. Em todos os itens lexicais esse fonema pode sofrer síncope, nas formas verbais, quando estão no infinitivo, a apócope ocorre em quase 100% das vezes em todas as variantes faladas no Brasil, mais a frente nesse texto serão dados exemplos. Obviamente o alofone zero no item lexical *corcunda* ocorreu em variantes de falantes com pouca escolaridade, com certeza por desconhecimento da forma padrão. Assim, pode-se dizer que os outros alofones [h, r, ɹ] sejam manifestações da forma padrão, a exceção seria a vocalização [w].

Os alofones [h, r e ɹ] estão em distribuição complementar, mas o alofone vocalizado [w] somente ocorreu associado ao alofone retroflexo [ɹ]. O fato é que o retroflexo apresenta forte traço de semivogal e é esse traço, possivelmente, que permite a evolução para a vocalização, tanto para [w] quanto para [j]. A forma do alofone [j] não ocorre com regularidade em Goiás, não houve registro no *Acervo da fala goiana*. Ela é mais comum no estado de Minas Gerais, nos falares do norte daquele estado, são dados não oficiais, mas presenciados por este linguísta em viagens por aquela região, a exemplos: ['kɔjgɐ], ['pɔjtɐ]. Do ponto de vista diatópico, tanto a forma alofônica retroflexa quanto as vocalizadas são parte da variante geral chamada caipira, que engloba, expurgadas as especificidades locais, todos os estados do Sudeste e do Centro-Oeste e também parte da região Norte, como o sul do Tocantins e Rondônia, e da região Sul, como o Oeste do Paraná.

No entanto, deve se registrar a existência em toda a diatopia chamada caipira das formas [trej'sɔw] e [trej'sɔ] para o item lexical *terçol*. Nesse caso, além da possibilidade da vocalização do fonema /r/, existe também a análise empírica e intuitiva dos falantes como se esse fosse um substantivo composto, pelo numeral *três* e o substantivo *sol*. O numeral *três* é regularmente pronunciado pelos brasileiros como ['trejs]. Essa é uma doença que se desenvolve nas pálpebras e a sensação que ela provoca quando se está no sol é horrível. Ela é contagiosa, por isso é muito comum nas crianças, que passam umas para as outras ao brincarem ou somente ficarem perto, como nas escolas. Esse foi o caso

que apareceu no *Acervo*, que poderia ser tomado como exemplo da vocalização em [j], porém, a maioria dos falantes em Goiás já aprende esse nome com esse formato. Entretanto, apesar de a maioria ter pronunciado [trej'sow], ela apareceu pronunciada de muitas maneiras:

Quadro 1: Terçol

Terçol [te.ɫ'sow]	Terçol [to.ɫ'sow]
Terçol [teh'sow]	Terçol [tri'soɫ]
Terçol [tɛ.ɫ'sow]	Terçol [tru'soɫ]
Terçol [trej'sow]	Terçol [tru'sow]
Terçol [trej'so]	Terçol [tur'sow]
Terçol [tre'sow]	Terçol [tu.ɫ'sow]
Terçol [tri'sow]	

Fonte: *Acervo da fala goiana*

Nos exemplos acima, o fonema que dera origem ao alofone vocalizado, foi o líquido vibrante. Porém, a forma vocalizada, em coda de sílaba, é o traço alofônico predominante com o fonema líquido lateral /l/, ou seja, em todas as variantes do português brasileiro o alofone vocalizado [w] predomina na execução desse fonema. É fato que ele pode fazer rotacismo com o alofone retroflexo: (*Acervo*) [aɫ'kɔɫ^atrɐ] > [aw'kɔɫ^atrɐ], [aw'kɔɫ^lkɔ], [aw'kɔɫ^lkɐ], [ow'kɔɫ^atrɐ], [aw'kɔɫɪ] > [aɫ'kɔɫɐ], [ɛɫ'kɔɫ^atrɐ]; [a'kɔɫɐtrɐ], [ɐko'lizmɔ]; e (idem) [aɫ'fɔɫɪ] > [aw'fɔɫɪ], [aw'fɔ.ɫɪ], [aw'fɔɫɐ] > [aɫ'fɔɫɐ], [aɫ'fɔɫɪ], [a'fɔɫɪ]. Com o item lexical *alfoge*, ocorreu uma pronúncia aspirada glotovelarizada, numa cidade dentro da hipoglossia da fronteira com a Bahia: [ah'foʒɐ]. Isso não torna o aspirado [h] alofone do fonema /l/, mas forma um par suspeito com o alofone retroflexo [ɫ].

Muitos exemplos do *Acervo*, registrados também no ALINGO, demonstram os processos descritos acima: [es'ke.ɫɔ], [is'ke.ɫɔ], [is'kehɔ]; ['faɫɐ dʒi'vistɐ], ['vistɐ

'kuɾtɐ], ['vistɐ 'kuhtɐ]; [kũvehsɐ'do], [kũveɾsɐ'do]; [ĩva'zoɿ], [ĩva'zoh]; ['kohnu], ['koɿnu], e colocam o retroflexo e o aspirado gloto-velarizado como alofones. Nas formas *mau pagador* ['maw pagɐ'do], ['maw pagɐ'doɿ], ['maɿ pagɐ'doɿ], *almas* ['awmɐ], ['awmɐs], ['aɿmɐ], *vulto* ['vuwtu], ['vuɿtu], *altar* [aw'ta], [aw'ta ɿ], [aw'tah], [aɿ'taɿ] e *calçada* [kaw'sadɐ], [kaɿ'sadɐ], a distribuição complementar, e muitas vezes livre, entre o alofone vocalizado [w] e o retroflexo [ɿ] fica demonstrada. Em *pagador* ['maw pagɐ'do], *conversador* [kũveɾsɐ'do], *altar* [aw'ta], a apócope do fonema líquido vibrante permite que se fale em um alofone zero. Em *salto mortal* ['sawtu mor'taw], ['sawtu moɿ'taw], ['sawtu moh'taw], ['saɿtu moɿ'taw] existem exemplos dos dois casos de distribuição complementar explanados acima.

Formam pares suspeitos ['maw] e ['maɿ], ['awmɐ] e ['aɿmɐ], ['vuwtu] e ['vuɿtu], [aw'tah] e [aɿ'taɿ]. Em [aw'tah] e [aɿ'taɿ], o retroflexo na primeira sílaba faz par com a vocalização e na segunda com o aspirado gloto-velarizado. Em *mortal*, na primeira sílaba não ocorreu a vocalização, nem seria natural da fala em língua portuguesa brasileira, porque a segunda sílaba, que é a tônica, está composta por uma coda vocalizada. Porém, *mortal* [moɿ'taw] poderia sofrer apócope, tornando-se [moɿ'taØ], com alofone zero, possivelmente no caso desse item lexical por dissimilação, uma vez que a vocalização [w] poderia se degenerar no retroflexo [ɿ]. Como se mostrou acima, isso acontece muito frequentemente com todos os itens lexicais que tenham alofone retroflexo e vocalizado em coda na sílaba final e também pode ocorrer em coda das outras sílabas.

No item lexical *alvorada*, ficou registrado o mesmo processo já descrito. O fonema /l/ apresenta três alofones: [w, ɿ, Ø]. De fato, existe a oposição entre vocalização e retroflexia, quando os alofones são do fonema /l/. A forma [ɐwwo'radɐ] ocorreu em todas as partes do estado, em quase todos os pontos de coleta. É um item lexical muito comum em letras de música sertanejas, por isso as pessoas conhecem essa pronúncia, comum aos goianos. No item lexical *agricultor*, na segunda sílaba em que existiu o fonema /l/, ele somente apareceu com os alofones [w] vocalizado e [Ø] zero, nem a forma alveolarizada [ʎ], que seria inesperado, nem a forma retroflexa [ɐgrikuɿ'toɿ],

muito comum na fala dos goianos, nem a forma gloto-velarizada [h]. Nos grupos onde ela seria esperada, apareceu somente o alofone [Ø] zero: [ɛgrikɔ'toh].

Esse é um caso interessante de dissimilação de fonemas. Essa pronúncia aconteceu em Cristalina, no entorno de Brasília, área onde existe a incidência desse alofone. A pronúncia hipotética e imaginável para essa situação seria [ɛgrikoh'toh]. Não aconteceu caso semelhante a essa hipótese, por nenhum informante entrevistado, em que em um mesmo item lexical aparecesse duas vezes esse alofone. Ele tem uma complexidade de pronúncia considerável por isso a presença de um por vocábulo. Então, a explicação aceitável é a de dissimilação entre os dois alofones. A dissimilação provavelmente teria feito o alofone da sílaba átona sofrer síncope e o da sílaba tônica permanecer: [ɛgrikɔ'toh].

A forma *arco da velha*, sinônimo religioso para arco-íris, apareceu três vezes nas entrevistas sempre dita por pessoas da última faixa etária. Com a forma alofônica lateral alveolarizada ['aʎku də'vejɐ] apareceu dita por uma pessoa de baixa escolaridade, com o retroflexo ['aʎku də'velʎɐ] apareceu pronunciada por uma pessoa de alta escolaridade e, ['aʎku də'vejɐ], por uma pessoa de baixa escolaridade. Obviamente, no primeiro caso [ʎ] foi uma hipercorreção da fala. Nos outros casos, os falantes pronunciaram como o fazem no dia-a-dia, com o retroflexo. De fato, não haveria de acontecer a vocalização ['awku] como alofone nesse caso, mas ela seria mais plausível como hipercorreção do que a forma lateral alveolarizada. Arco da velha é uma referência ao acordo de Noé com Deus para que não houvesse mais dilúvio: *arco da velha aliança*. Essas três ocorrências aconteceram no sul do estado, onde predomina a hiperglossia caipira.

A forma padrão para o item lexical *calcanhar*, quando da implantação do português no Brasil, devia ser [kaʎkɛ'ɲa], pronúncia ainda existente em Portugal, que pode ser encontrada no Brasil na fala de pessoas da terceira faixa de idade. Na coleta para o *Acervo*, foi registrada uma forma aproximada [kaʎkɛ'ɲa], com a apócope do /r/, falada por um informante de 60 anos na cidade de Cristalina. As pronúncias encontradas são variantes dessa forma padrão. Como alofones do /l/ em coda de sílaba apareceram [r, h, ʎ, w]: [karkɛ'ɲa], [kakhɛ'ɲa], [kaʎkɛ'ɲa], [kawkɛ'ɲa]. Em Goiás, e em toda

hiperglossia caipira, a forma predominante é a vocalizada [kawkɐ'ɲa] e [kawkɛ'ɲa]. Como se supôs acima, ela faz par com a variante retroflexa [kaɹkɐ'ɲa], pelos traços vocálicos que esse alofone apresenta. As outras duas formas [karkɐ'ɲa], [kahkɐ'ɲa] podem ser pensadas de duas maneiras, como alofones em rotacismo com [l] ou como alofones construídos a partir dos traços consonânticos do retroflexo.

No primeiro caso, o rotacismo /l/ versos /r/ teria ocorrido em tempos anteriores à vocalização [w]. O fato é que em latim vulgar esse rotacismo existia e continua existindo como consoantes em cabeça de sílaba, mas em coda de sílaba esse rotacismo parece não existir, uma vez que todas as variantes brasileiras vocalizam o /l/ nessa posição. Como a aparição do retroflexo [ɹ] somente acontece na variante caipira e essa é vocaliza sempre, pode-se levantar a hipótese do retroflexo, como semiconsoante ou semivogal, fazendo rotacismo com a vocalização, que é semiconsoante ou semivogal. Exemplos muito comuns entre o povo goiano são as formas [maw'mɪtɐ] para *marmita* e ['gawfɔ] para *garfo* e [aɹ'mõkɐ] / [aɹ'mõkɪɐ] para *almôndega*. Como foram demonstrados acima, muitos exemplos apareceram na coleta para o *Acervo da língua falada em Goiás*, as quais estão demonstradas ALINGO.

A pergunta era sobre chás, o objetivo era que a pessoa falasse o item lexical *erva cidreira*, é um dos chás mais comuns entre os goianos e também em outros estados do Brasil. Quase todos os entrevistados se lembraram de falar, a maioria disse ['ɛɹvɐ si'drɛɹɐ] como era esperado. Um dos entrevistados, na cidade de Posse, disse ['ɛrvɐ si'drɛɹɐ], ele realizou esse alofone em todas as suas repostas. Nas cidades de Nova América e Ceres, ambas na região central do estado, próximas uma da outra, ocorreram com falantes da última faixa etária, a resposta ['ɛwvɐ si'drɛɹɐ]. Esse é um caso em que a forma padrão é com o fonema /r/. A forma com o alofone vocalizado [w] é uma hipercorreção, provavelmente provocada pelo valor pejorativo que o retroflexo tem, como se disse acima, considerado falar de caipiras e roceiros.

Outro exemplo é *Volta do dia* ['võɹtɐ dɔ'dʒiɐ]. Supostamente a forma padronizada *volta* estaria na base da pronúncia do alofone retroflexo. O processo nesse caso é o da transformação do alofone [w] vocalizado no alofone retroflexo [ɹ]. Essa

expressão ocorreu em Corumbaíba, no sul do estado, localidade em que o alofone retroflexo é predominante. Foi dito por um senhor de 43 anos, com 4 anos de escolaridade, ele provavelmente aprendeu dessa maneira esta expressão, que significa a passagem da manhã para a tarde, sinônimo, para a maioria, de *meio dia*. A forma lexical já é assimilada com o retroflexo como alofone para o fonema /l/. Certamente existiu a história da transformação da vocalização em retroflexo, mas os usuários da expressão não têm isso na memória. Devido à baixa escolaridade, esse falante jamais conseguirá fazer o percurso na direção da retomada da forma padronizada com a vocalização [w].

A variação do fonema /r/ quando é coda da última sílaba de um item lexical. São poucas as palavras que, quando terminadas com o fonema /r/, não sejam oxítonas. Foram registrados três alofones para esse fonema no item lexical *calcanhar* [Ø (zero), ɹ, h]. Não se teve registro do alofone apical [r] nesse item lexical, e a vocalização [w] nessa posição nunca foi ouvida, em nenhuma forma lexical, e seria extremamente fora do padrão da língua. Deve ser observado que os fonemas nasais e nasalizados não interferem na realização desses alofones, tanto em coda de sílaba, quanto na coda lexical: [kawkɐ'ɲa], [kawkẽ'ɲa], [kawkɐ'ɲaɪ], [kawkẽ'ɲaɪ], [kawkẽ'ɲah], [kaɪkɐ'ɲaɪ], [kaɪkẽ'ɲa], [kahkɐ'ɲa], [kahkẽ'ɲa], [karkɐ'ɲa], [kaɪkɐ'ɲa] (*Acervo*).

O item lexical *inverno*, que significa períodos chuvosos nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, apresentou dois alofones para o /r/, o retroflexo [ɾ'vɛ.ɲʊ] e o aspirado gloto-velarizado ensurdecido [ɾ'vɛhɲʊ]. Este último ocorreu nas cidades São João d'Aliança, Bom Jardim, Campos Belos, Luziânia, Cristalina, Posse, São Domingos. A exceção é a cidade de Bom Jardim na fronteira com Mato Grosso, as outras ficam na fronteira com a Bahia ou no entorno de Brasília, onde ele é comum. O falante de Bom Jardim que disse esse alofone tinha 70 anos, sem escolaridade oficial, cujos pais tinham emigrado para a região adultos. Bom Jardim fica próxima a Aragarças, fronteira rodoviária com Mato Grosso, rodovia que corta de Brasília até o Acre. Entrevistaram-se vários falantes que apresentavam traços fonéticos típicos do entorno de Brasília e inesperados para aquela região, porém típico de localidades fronteiriças onde param muitos viajantes e onde muitos são emigrantes de regiões distantes.

O item lexical *orvalho* apresentou um número surpreendente de variações. No tocante ao fonema /r/ em questão nesse artigo, apresentou a mesma variação que os outros itens lexicais apresentaram: [h, ɹ, r]. O alofone [h] aspirado gloto-velarizado ensurdecido apareceu no entorno de Brasília e na fronteira noroeste com a Bahia, onde era de fato esperado. O alofone [r] apical apareceu nas cidades de Posse e Planaltina, a mesma região do [h]. As duas incidências foram em mulheres da segunda faixa etária, de 36 a 45 anos, uma com curso superior e outra com 8 anos de escolaridade. Em mais de um item lexical esse alofone apareceu nessas regiões, apesar de ser incomum, foram encontrados poucos falantes que o usam. O retroflexo [ɹ], como era de se esperar, apareceu em todas as regiões do estado, sempre na ampla maioria dos cidadãos de todas as localidades.

O item lexical *bar* também apresentou três variantes: [h] ['bah], [ɹ] ['baɹ], [Ø] (zero) ['ba]. Como já se demonstrou acima, o fonema em coda de vocábulo pode sofrer apócope e esse alofone zero ocorre com todos os falantes, modificando em muito pouco a variante social *nível de escolaridade*. As outras variantes sociais em questão não geram nenhuma modificação. A apócope é um fato consistente na história da língua portuguesa, e nenhum fator impede ou modifica a apócope do fonema /r/, em todos os casos pode ser explicada por variantes linguísticas. Acontece com substantivos, adjetivos e verbos. Também ocorre com fonemas vocálicos na composição de ditongo: *ganhou bebê* [ga'ɲo be'be], [gaĩ'o be'be] e [gaĩ'o nẽ'ne], [gãĩ'o nẽ'ne] (*Acervo*).

Apareceram nos dados do *Acervo*, sempre os três alofones [h, ɹ, Ø], com os itens lexicais: *agricultor* [ɛgrikuw'to], [ɛgriku'toh], [ɛgrikuw'toɹ], *lavrador* [lavrɐ'do], [lavrɐ'doh], [lavrɐ'doɹ], *entardecer* [ɛ̃taɹde'seɹ], [ɛ̃taɹde'se], [ĩtahde'se], *escurecer* [iskure'se], *amanhecer* [ɛmẽje'seɹ], [ɛmẽje'se], [mẽje'seɹ], *clarear* [klare'a], [klare'aɹ], *máquina de moer* ['makinɛ dʒi'moeɹ], ['makinɛ dʒimo'e], *moedor* [moe'do], [moe'dor], *batedor* [bate'do], [bate'doɹ], [bate'do dʒi'pasto], *beija-flor* ['bejzɐ'flo], ['bejzɐ'floh], ['bejzɐ'floɹ], *molar* [mo'la], [mɔ'lah], [mo'laɹ], *vomitar* [gumi'ta], [vomɪ'ta], [vumi'ta], *falador* [falɐ'do], [falɐ'doɹ], [falɐ'doh], *benzedor* [bẽze'do], [bẽze'doɹ], [bẽze'doh].

O item lexical *bebedouro* [bebe'do], [bebe'doh], [bebe'do.ɹ] sofreu processos fonológicos anteriores que produziram a possibilidade da apócope do fonema /r/, gerando o alofone [Ø]. O primeiro processo foi a monotongação [bebe'dorɔ], em seguida a apócope do fonema vocálico final, que gera as formas [bebe'doh] e [bebe'do.ɹ], finalmente a apócope do alofone líquido vibrante. Esses três itens lexicais: *matador* [matə'do], *torcedor* [toɹse'do], *chuva de flor* ['ʃuvə dʒɹ'fro], somente apareceram com o alofone [Ø]. Um traço semântico vinculado a eles, os quais são usados com raridade, significam respectivamente *assassino*, *rodamoinho* e *granizo*, e são usados provavelmente apenas assim.

O item lexical *pernilongo* apresenta o fonema /r/ na posição pré-pretônica, mas isso não muda as possibilidades dos alofones manifestados. Nesse item lexical há muita variação nas vogais, mas os alofones [h, ɹ] continuam e se associam a todas as possibilidades de vogais. Apareceram na coleta do *Acervo*: [pɛɹnɐ'lõɣɔ], [pɛɹnɐ'lõɣɔ], [pɛɹnɹ'lõɣɔ], [pɛhnɹ'lõɣɔ], [pɛhnɹ'lõɣɔ], [pɛɹnɐ'lõɣɔ], [pɛɹnɹ'lõɣɔ], [pɛɹnɐ'lõɣɔ], [piɹnɹ'lõɣɔ], [pihnɹ'lõɣɔ]. Às vezes, as pessoas brincam e falam em [pɛwnɹ'lõɣɔ], evidentemente elas reconhecem pela intuição na língua que existe a possibilidade dessa hipercorreção. Não se pode garantir que isso não ocorra na fala das pessoas menos escolarizadas. Não foi analisado nesse artigo, mas algumas dessas formas têm nas mudanças vocálicas fenômenos de hipercorreção, por exemplo, [pɛɹnɐ'lõɣɔ].

Conclusão

São traços históricos importantes para a formação do povo goiano, sobretudo, linguisticamente, a migração paulista, mineira e portuguesa, chamada de os *bandeirantes*, que contribuíram com o alofone retroflexo [ɹ] para o fonema /r/ e a vocalização [w] para o fonema /l/. A emigração nortista e nordestina veio em duas grandes importantes levas de pessoas, a primeira é chamada de *boiadeiros*, a segunda é chamada de *candangos*. Essa contribuiu com o alofone gloto-velarizado [h] para o fonema /r/ e trouxe consigo as possibilidades da vocalização [w] do fonema /l/ e o apical [r] para o fonema /r/.

São muitos séculos de história, a emigração bandeirante tinha objetivo de explorar riquezas minerais e também de povoar a região, por isso sua presença, apesar de criticada como depredatória, é extremamente significativa e está na base da formação da população: a grande maioria da população de Goiás tem raízes familiares em Minas Gerais e São Paulo. Deve-se considerar a decisiva interferência dos meios de comunicação básicos, que são sediados no Sudeste do país, que são majoritariamente falados na variante do Sudeste, já muito diferente daquela dos bandeirantes, mas bem mais próxima da falada em Goiás, do que aquela dos nortistas e nordestinos.

A emigração nortista-nordestina dos boiadeiros não foi tão numerosa e encontrou uma população ocupando os espaços. Mesmo tendo contribuído largamente para a formação econômica do estado, modificou pouco a forma de falar. Somente nas partes do estado em que ocorreram reforços de emigração dessas regiões é que os traços fonéticos daqueles falares aparecem evidentemente. Nas outras partes do estado, vez ou outra, detecta-se algum traço fonético desses falares, na maioria das vezes em vogais médias. Os reforços de emigração de que se falou, ocorreram na construção do Plano Piloto de Brasília nos anos de 1950 e de 1960 e a natural troca de cidadãos que os estados fazem em suas fronteiras, nesse caso, fronteira de Goiás com a Bahia.

O estado apresenta os alofones [h, ʎ, r, Ø e w] para o /r/ em coda e os alofones [ʎ, w, ʎ, Ø] para o fonema /l/. O que deve ser evidenciado nessa conclusão é a relação entre os alofones [w e ʎ] para os dois fonemas. Eles se equivalem e formam par em rotacismo, por causa dos fenômenos de hipercorreção que atingem os dois fonemas. O que também deve ser evidenciado é o forte traço de semivogal do retroflexo que permite que ele seja avaliado pelos falantes com as mesmas características do alofone vocalizado [w] que se comporta como semivogal, mas que tem em seu interior a condição de semiconsoante, como tem as semivogais dos ditongos, crescente e decrescente, do léxico em língua portuguesa e brasileira.

Finalmente, esses alofones têm áreas de incidência bem definidas em Goiás. O que se conclui, e já apareceu em outros trabalhos de muitos autores, é que, devido ao reforço cultural de valorização das raízes econômicas e populacional do estado, o



retroflexo [ɽ], juntamente com as outras características da hiperglossia chamada caipira, predominará e excluirá cada vez mais as outras possibilidades de fala dentro das fronteiras de Goiás.

Referências

- AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1981.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPQ, 1984.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPQ, 1984.
- BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CARVALHO, Dolores Garcia e NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica**. São Paulo: Ática, 1969.
- ELIA, Silvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S. A., 1979.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo, Ática, 2002.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Lisboa: Calouste Gulbernkian. 1962.
- MILANI *et al.* **ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.
- NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.
- NESTOR, Paulo Henrique E. S. “Estudo diacrônico sobre fonética em Mattoso Câmara”. In: V CONPEEX – Congresso de pesquisa, ensino e extensão. Goiânia: UFG, 2008.
- PALACIN, L; MORAES, M. A. de S. **História de Goiás**. 5ª Ed. Goiânia/GO: Editora UFG/1989.
- PINHEIRO, I. M. G & MILANI, S. E. “Possibilidades fonéticas do “o” ortográfico em Goiás”. Revista SOCIODIALETO, 2014.
- SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialetológicos**. 2.ª ed. melhorada e ampliada. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 8 • Número 22 • Abr/Jul 2017

SILVA, D. M.; MILANI, S. E. “A sociolingüística na sala de aula de língua portuguesa: uma investigação historiográfica”. In: I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, São Paulo: USP, 2008.

SILVA, Daniel Marra da. “Saussure - As consequências da instituição de um elemento híbrido, A Langue, Sistema/Fato Social, como objeto da Linguística”. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de lingüística românica**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

Recebido Para Publicação em 13 de março de 2017.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2017.